

COMIDA DE MIGRANTES: A ALIMENTAÇÃO COMO LINGUAGEM

TAMIRES RODRIGUES SIQUEIRA^{1,2} RENATA MENASCHE

¹*Universidade de Pelotas 1 – tamiressiqueira08@gmail.com*

²*Universidade de Pelotas – renata.menasche@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Apresento os resultados obtidos ao longo do período de bolsista do projeto *Fluxos entre campo e cidade: tendências da alimentação contemporânea*, que teve início em janeiro de 2020.

A pesquisa teve como objetivo apontar diferentes linguagens da comida, frisando, sobretudo, como a alimentação atua na conformação de identidades em situação de migração. Assim, tentei pensar a comida como veículo de identidade e não apenas como necessidade biológica, visto que o ato de alimentar-se não está limitado apenas ao âmbito biológico, sendo também permeado pelo âmbito cultural e social.

2. METODOLOGIA

Em decorrência da crise sanitária causada pelo Covid-19, o desenvolvimento da pesquisa, abarcando a inserção em campo e a coleta de dados, foi realizado através de interações digitais. A coleta de dados foi realizada junto a três interlocutoras, sendo essas Mariana Boujadi, de 27 anos e com ascendência libanesa, Clarice Naomi, de 23 anos e com ascendência japonesa, e Marieta Vasconcelos, de 22 anos¹. Mariana é neta de libaneses, Clarice de japoneses, e Marieta é brasileira que viveu dez anos na Itália.

Para o desenvolvimento da pesquisa e inserção em campo usei o aporte da etnografia. Nas palavras de Magnani (2002), “o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos”.

Ademais, a escolha de trabalhar com a terceira geração não foi ingênua, pois com isso optei por pesquisar, através do olhar da geração mais recente, como a comida atuou como veículo de sociabilidade e identidade no interior das três famílias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

¹ Pseudônimo escolhido pela interlocutora, que preferiu não ser identificada.

Como já mencionado, o ato de *alimentar-se* é atividade inerente a todos os seres humanos e permeado por dimensões simbólicas e sociais.

Para DaMatta (1987, p. 22), "comida não é apenas uma substância alimentar mas é também um modo, um estilo e um jeito de alimentar-se. E o jeito de comer define não só aquilo que é ingerido, como também aquele que o ingere". A partir de tal entendimento, é possível pensar uma complexa rede de ligações intrínsecas ao campo da Antropologia da Alimentação, em que se insere o tema que viso elucidar.

A família de Marieta mudou-se de Porto Seguro - município baiano conhecido por seu potencial turístico - para a Itália quando Marieta tinha cerca de oito anos. Alguns familiares haviam saído do Brasil anos antes, em busca de melhores condições de vida e trabalho, e após assentarem-se na Itália enviaram notícias sobre as oportunidades de emprego para os parentes. Assim, em busca de emprego e melhoria de vida, a família de Marieta migrou para a Itália. Lá moraram em torno de dez anos. Durante esse tempo a comida brasileira sempre esteve presente em seu dia a dia, mesclada com a culinária italiana. Em especial, o tradicional prato brasileiro arroz e feijão. Para Marieta, era uma felicidade sem igual quando a tia brasileira a visitava e trazia consigo linguiça.

Lá na Itália eles não comem feijão com arroz, mas eles não sabem o quanto é gostoso. A alegria era quando minha tia vinha do Brasil e trazia linguiça para colocar no feijão. A linguiça da Itália não tem o mesmo gosto que a daqui (Marieta Vasconcelos, 22 anos).

Os avós de Clarice vieram para o Brasil durante a Segunda Guerra Mundial e, inicialmente, moraram por alguns anos em Ivoi, município localizado a 60 km da cidade de Porto Alegre, local onde residem atualmente. Segundo Clarice, a culinária japonesa faz parte de seu cotidiano e desde sempre atuou como instrumento de identidade na família. Primeiro para seus avós, como uma forma de manter as lembranças do Japão; depois para seus pais, como uma forma de conhecer quem eram seus pais, o significado de cada prato e o simbolismo dos ingredientes; e então para ela.

O mesmo apontou Mariana Boujadi, visto que a comida árabe é tão presente em sua vida que não consegue fazer uma separação entre "comida brasileira" e "comida árabe". Ela ressaltou, diversas vezes, que a comida árabe sempre agiu

em seu dia a dia como formadora de sua identidade, e uma forma de conhecer e entender suas origens.

4. CONCLUSÕES

Quando questionada sobre sua alimentação na Itália, Marieta respondeu que sua mãe costumava cozinar pratos da culinária brasileira por sentir saudades de seu país de origem. Para Marieta, a comida brasileira foi um elemento vital na construção de sua identidade em um novo território. Um marcador identitário importante e uma forma de tornar a troca de pátria menos dolorosa, pois assegurava para si e sua família um vínculo com a identidade nacional de origem.

Hall (2005) nomeia tal processo como negociação identitária, isto é, uma negociação com as novas culturas em que estão inseridas, sem serem assimiladas por completo e sem perderem suas identidades por inteiro. Mariana aponta que sua identidade se constituiu através da combinação entre a comida árabe e a brasileira. Para ela, é muito difícil não comer comida árabe por longos períodos, associando a essa abstinência extremo desconforto.

Eu acho muito difícil ficar sem comer comida árabe, é algo muito difícil pra mim, pois eu sinto muita falta. Já fui a muitos restaurantes árabes, mas eu sempre tenho a impressão que nenhuma comida é tão boa quanto as das minhas avós. Isso é fato, pois até hoje eu nunca comi nenhuma esfiha tão gostosa quanto a da minha avó por parte de pai, a da avó Carmem. Nem nunca comi nenhuma coalhada tão boa quanto a da minha avó Beth (Mariana Boujadi, 27 anos).

Não obstante, enquanto comentava um pouco sua trajetória de vida pessoal, Mariana contou que há pouco mais de um ano iniciou um novo relacionamento amoroso e que, quando as famílias se conheceram, sua mãe e ela preparam um jantar árabe.

Eu iniciei um relacionamento há um ano, e uma das primeiras coisas que a minha mãe fez foi convidar a família dele para um jantar de comida árabe. Minha mãe e eu preparamos tudo, não com a mesma maestria que as minhas avós faziam, mas misturando um pouco das receitas de cada uma, montando assim um menu árabe. A alimentação árabe tem uma influência muito grande na minha vida. Toda a minha ascendência

árabe tem um peso muito importante na minha vida (Mariana Boujadi, 27 anos).

É, assim, possível notar que a comida, agindo como linguagem, expressa dimensões que vão muito além do alimentar-se por necessidades biológicas. A alimentação está envolta em significados diversos, associados à cultura do grupo em que se está inserido, mas também às experiências pessoais (GARCIA, 1997). Como dito por Mintz (2001, p. 31), “o comportamento relativo à comida revela repetidamente a cultura em que cada um está inserido”. Assim, partindo das diferentes narrativas trazidas, o presente trabalho visou apreender o alimentar-se como mais do que apenas necessidade de sobrevivência, mas como formas de expressão de valores, como linguagens.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMON, Denise; MENASCHE, Renata. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e Cultura**, v. 11, n. 1, p. 13-21, 2008.

DA MATTA, Roberto. Sobre o simbolismo da comida no Brasil. **O Correio da Unesco**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 7, p. 22-23, 1987.

GARCIA, Rosa Wanda Diez. Representações sociais da comida no meio urbano: algumas considerações para o estudo dos aspectos simbólicos da alimentação. **Cadernos de Debate**, 2.12-40, 1994.

MINTZ, Sidney W. Comida e antropologia: uma breve revisão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** 16.47 (2001): 31-42.